

DF - Ceilândia

Desempregado escapa de morte em linchamento

Moradores do Setor O da Ceilândia espancam com socos e pontapés homem acusado de violência contra um garoto de 5 anos

Luiz Roberto Fernandes
Da equipe do Correio

Sentado no corredor ao lado das celas da 19ª DP (Ceilândia Norte), Elizeu José Xavier, 34 anos, exibe inúmeros hematomas espalhados pelo corpo. Separados por grades, os outros presos caçoam do auxiliar de pedreiro, momentaneamente desempregado, que foi preso em flagrante sob a acusação de ter cometido um atentado violento ao pudor contra um garoto de cinco anos.

Os machucados no rosto e no corpo são frutos de um linchamento que Elizeu sofreu em via pública, no Setor O, na Ceilândia. Ele levou socos, pontapés e só não morreu porque a turma do "deixa disso" acalmou a multidão enfurecida.

"Tinha umas 20 pessoas, mas nem todo mundo bateu nele. Cheguei a ver uma mãe com o filho no colo dizendo que se fosse com ela teria matado", conta Antônia Fátima Sampaio de Sousa, 44 anos, mãe do menino que disse ter sofrido a violência.

CHURRASCO

No domingo, Antônia Fátima recebeu um convite de amigos para um churrasco na QNO 02. Por volta das 10h, ela se dirigiu com o filho adotivo, E.P.S., 5 anos, para a festa. Durante todo o dia, a cabeleireira Antônia e familiares, junto com o dono da casa e seus amigos, divertiram-se na frente do lote, onde o churrasco era realizado.

Como a festa era só entre amigos, o portão estava aberto. Aproveitando-se desse descuido, Elizeu resolveu entrar sem ser convidado. Depois de colocarem o invasor para fora da casa, o portão foi fechado.

Por volta das 18h, E. saiu com dois amigos de sua idade para

brincar na rua. Logo depois, os amigos voltaram sem E.. "Alguém me avisou que meu filho não tinha voltado", conta a mãe. Antônia foi em busca de E.. "Achei que ele estava perdido."

Para surpresa de Antônia, o garoto não havia se perdido. "Ouvi um grito de socorro vindo de um quarto abandonado que fica nos fundos da casa vizinha de onde estávamos."

Uma menina que acompanhava Antônia voltou para buscar ajuda, enquanto a mãe, desesperada, arrombava a porta do quarto com um chute. "Quando entrei estava tudo escuro. Já encontrei com meu filho correndo para a porta", diz.

COLO

E., um menino de cabelos lisos e muito falante, disse que Elizeu o puxou pelo braço, tapou sua boca — mandando que ele não gritasse — e o forçou a entrar no quarto. "Lá dentro, ele sentou na cama, abaixou o zíper da calça e me mandou sentar no colo dele", conta o garoto.

Como E. se recusava a fazer o que Elizeu queria, o auxiliar de pedreiro teria sentado no chão — ao lado do garoto — e feito novamente o pedido para que sentasse em seu colo. "Nessa hora, eu rolei pro lado, gritei por minha mãe e saí correndo."

Antônia afirma que assim que abraçou o filho viu o homem atrás do menino. Em poucos segundos, uma multidão se formou em volta de Elizeu, que só não morreu porque algumas pessoas intercederam, avisando que já tinham chamado a polícia. "Ele só não fez nada com meu filho porque cheguei a tempo", diz Antônia.

"Eu só queria brincar com o garoto", argumentou Elizeu na delegacia. Ele mora no Setor O, é analfabeto e está sem emprego no momento.

Carlos Vieira



Elizeu José Xavier foi autuado em flagrante por atentado violento ao pudor e levado para a 19ª Delegacia de Polícia: "Eu só queria brincar com o garoto"